

ALICE VIEIRA

A arte de bem escrever para todos os jovens



TRINTA LIVROS, UM MILHÃO DE EXEMPLARES



FOTOS FERNANDO NEGREIRA

Nasceu em 1943, mas só em 1979 escreveu, quase por acaso, o seu primeiro livro: «Rosa, minha irmã Rosa», que já vai na 12.^a edição. Desde então editou mais de trinta títulos – muitos dos quais traduzidos em várias línguas – e só em Portugal já vendeu cerca de um milhão de exemplares.

Chama-se Alice Vieira, foi professora e jornalista, e desde há quatro anos é escritora a tempo inteiro. Como a tempo inteiro é a sua simpatia, a sua simplicidade e a sua confiança nas gerações jovens para quem escreve com uma qualidade fora do comum – como todos os críticos reconhecem.

Alice olha divertida para os computadores mas só escreve à máquina: precisa de ouvir o seu matraquear, amachucar o papel, sentir o seu cheiro. Foi um jeito que lhe ficou dos muitos anos de jornalista profissional, primeiro no «Diário Popular», de 1968 até ao 25 de Abril, depois no «Diário de Notícias», de 1974 a 1990, portanto ainda no tempo em que as redacções eram um fervilhar de ruídos, com os teclados HCESAR ou AZERT a bater sem parar.

O jornalismo, de resto, continua-lhe a pulsar nas veias: apesar de o ter deixado há quatro anos, ainda hoje, quando testemunha um acontecimento que para si é notícia, corre para o telefone mais próximo a avisar o «seu» DN. E sente ganas de pedir que lhe reservem espaço que ela já vai até lá para redigir a história,

respeitando escrupulosamente o «lead» e as técnicas da pirâmide invertida...

«Isso já me aconteceu uma data de vezes. Mas depois paro e digo para mim: que disparate! Fico cheia de pena, mas com a crónica quinzenal que mantenho no «Diário de Notícias» mato o bichinho do jornalismo, que é uma coisa que depois de entrar nunca mais nos larga...» – diz Alice Vieira com uma gargalhada como só ela sabe dar.

Escreve praticamente desde que se conhece. Mas o modo de escrever foi, naturalmente, mudando ao longo da sua vida. Foi colaboradora do Suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa» – criado e coordenado por Mário Castrim, com quem vive há 26 anos e de quem tem dois filhos já adultos, a Catarina e o André, que são os filhos que sempre quis ter –, andou pelo liceu Filipa de Lencastre onde escreveu muita coisa que andava dentro de si, em 1964, já na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, publicou um livro de poesia chamado «De Estarmos Vivos», em 1967 licenciou-se com uma tese sobre o teatro de Bernard Shaw, no ano seguinte já se encontrava a fazer crítica de televisão no «Diário Popular», a partir do 25 de Abril foi um nunca mais acabar de entrevistas, reportagens, crónicas e notícias no «Diário de Notícias».

Em 1979, porém, um acaso iria determinar um novo rumo na sua vida: em escassos 20 dias de férias escreveu o seu primeiro livro para adolescentes. E recorda esses momentos como se fosse hoje:

«Estava de férias com os meus filhos, que tinham aí 9/10 anos e refilavam comigo dizendo que eu nunca tinha tempo para lhes escrever ou contar histórias. Achei que eles tinham razão e fiz-lhes uma proposta: escreveria uma história se eles me ajudassem, se eles colaborassem comigo. Sentámo-nos os três, eles e eu tínhamos uns cadernos à nossa frente, contávamos uns aos outros uma data de coisas, eles puxavam pela memória e pela imaginação, eu também e ia escrevendo, a gente ria-se muito com aquela

maluqueira, depois era preciso dar continuação ao que tínhamos começado e foi assim durante vinte tardes. No final tínhamos escrito «Rosa, minha irmã Rosa», coisa que muito nos divertiu. Foi exactamente assim» – explicou Alice Vieira.

Mudança e loucura

Ora, acontece que esse era o «Ano Internacional da Criança» e a Editorial Caminho tinha lançado um concurso para atribuir um prémio na área da literatura infantil – e o Mário Castrim, sempre atento, alertou Alice, que enviou o original. Resultado: de um conjunto de 104 obras concorrentes, um júri constituído por José Francisco Nereu, José Gomes Ferreira, Manuela Nogueira, Maria Keil, Maria de Lurdes Marcelo e Rogério Fernandes atribuiu o prémio a «Rosa, minha irmã Rosa».

«Na altura não me apercebi, mas esse facto iria modificar por completo a minha vida. Como uma das facetas do prémio – a mais importante – era a publicação da obra, pouco depois de ela ter sido posta à venda comecei logo a ser convidada para ir a escolas falar com os alunos, entrei numa engrenagem louca quase sem dar por isso e nunca mais parei. A literatura infantil passou a ser encarada de outra maneira, a Gulbenkian também começou a dar prémios para a literatura infantil – tudo consequência do Ano Internacional da Criança – a bola de neve foi crescendo, e eu ia acumulando, cada vez com mais dificuldade, o jornalismo com os livros para jovens e com as idas às escolas. Quase não tinha tempo para respirar!» – desabafa Alice.

Segundo a escritora, foram 11 anos de loucura: de 79 a 90 escreveu sem parar – ora no jornal diário, ora livros para adolescentes. As duas coisas davam-lhe um gozo danado, a certa altura já não podia viver sem esses dois amores, continuava a ser solicitada incessantemente por escolas para lá ir falar com os seus jovens leitores, deslocava-se a tudo o que era sítio nos arredores de Lisboa, mas ia também ao

Porto, a Coimbra, a Braga, ao Alentejo, a lugares de que já nem se lembra. E fazia uma ginástica dos diabos para esticar o tempo, esquecia-se das férias, no jornal trabalhava sempre aos feriados e fins de semana para poder ter folgas em dias úteis que lhe permitissem os então já imprescindíveis contactos com alunos do ciclo e do secundário. Uf! Uma canseira, uma doideira – mas os livros foram saindo a um ritmo de dois por ano, as escolas foram visitadas a uma velocidade média de 80 de Outubro a Junho, o trabalho no jornal nunca ficou para trás.

Até que, claro, um dia descobriu que estava doente. E aí teve que parar e encontrou tempo para pensar e tomar decisões:

«De repente percebi que não podia continuar assim e que havia outras coisas mais importantes a fazer. Mas para isso tinha que largar o jornalismo diário. E sublinho diário porque nunca deixarei de ser jornalista e de algum modo de fazer jornalismo. Muito a custo, e temendo não me habituar à nova vida, abandonei a redacção do «Diário de Notícias» e dediquei-me a tempo inteiro à literatura juvenil, de facto uma grande paixão» – contou.

A partir daí o seu ritmo de vida mudou. E, surpreendentemente para si, adaptou-se sem grande dificuldade. Disciplinada, escreve todos os dias – mas longe da lufalufa das notícias que pingam quase ao minuto. Levanta-se aí pelas oito da manhã, durante uma hora anda a pé, quase sempre à beira-mar (para ter força precisa de ver pessoas, sentir a imensidão do oceano e olhar a cor azul das suas ondas), e regressada a casa começa a escrever. Depois de almoço ainda trabalha um bocado, mas à noite nem pensar, como diz com o ar mais natural deste mundo.

«Não dá. Para mim não dá trabalhar à noite. Tenho dores de cabeça. Preciso de sol, não há nada a fazer. E sigo o conselho de Hemingway: à noite, deito-me sempre a saber como vou começar a escrever no dia seguinte. Isto é: escrevo todos os dias, mas nunca gasto tudo o que tenho na cabeça.

perguntas, reagem contra aquilo que não entendem, questionam, interpelam... E o diálogo surge, ou não. E como eu sei isso muito bem – oh se sei! – sai-me naturalmente assim. E além disso não gosto de dar aos jovens uma visão maniqueísta, isto é bom, aquilo é mau, e então procuro dar-lhes apetrechos, relato situações e conflitos, eles que concluem...»

Seguiu-se a presença esmagadora de personagens femininas:

«Feminista, eu? Nada disso. Mas é verdade que as jovens têm parte de leão nos meus livros. O meu filho André até diz que há mulheres a mais nas minhas histórias. Porquê? Mais uma vez, sei lá... Talvez por ter passado a minha vida muito rodeada de mulheres, sempre com muitas tias à minha volta, ouvindo as suas histórias. Andei sempre de tia para tia... E ainda sou do tempo em que no Liceu rapazes e raparigas estavam separados... Resumindo: toda a minha vida foi muito mais de mulheres do que de homens. E os meus livros reflectem isso mesmo. Mas o que é curioso é que, contrariamente ao que inicialmente receei, e como tenho podido comprovar nas minhas deslocações às escolas, tanto sou lida por rapazes como raparigas».

Escolas, rapazes, raparigas – como diria o outro, a tal geração rasca, uma designação polémica que ficou no imaginário de muita gente. Mas Alice Vieira não concorda:

«É muito difícil dizer-se com justiça que uma geração é rasca. É muito simplista e redutor. Se houver uma, então se calhar é a minha geração, que deu estes ministros quase todos... É óbvio que em todas as gerações há sempre gente mais ou menos rasca. Mas o mais importante é perceber que estes jovens de hoje são fundamentalmente o produto do que não têm, daquilo que lhes não deram. Se calhar ser rasca é privilegiar o sucesso, o dinheiro, a ambição – e não a cultura, a solidariedade. E se assim for, então não é seguramente esta geração a ser rasca. E para aqueles que ao olhar a juventude de hoje são pessimistas, lembro que os jovens

dos nossos dias, apesar de viverem tempos difíceis, quando têm uma motivação, seja ela qual for, saem da apatia e reagem...»

Confiança e optimismo

Alice Vieira é uma incorrigível optimista. Ela sabe que vivemos tempos complicados e que o sistema vigente exalta como valores supremos o imediatismo, a rapidez, o dinheiro, o poder. Não desconhece que hoje em vez de cultura se fala de OPV's. É isso que revistas e jornais para jovens – privados ou «oficiais», como a revista «Ousar» – lhes pretendem meter na cabeça. «É o vazio total de ideias. É a exaltação do prazer fácil e rápido» – acusa. Mas mesmo assim deposita todas as suas esperanças nas gerações futuras – e está confiante, pois vê para além do imediato.

«A verdade é que há também outros sinais de tipo contrário que não podem nem devem ser desvalorizados. A escola, por exemplo: hoje há muito mais crianças do que antigamente com acesso ao ensino. O que, por muitos defeitos que a escola tenha – e virtudes certamente – é positivo. E o papel dos professores tem sido excelente. Hoje está fora de dúvida que os adolescentes, pelo menos enquanto na escola, lêem muito mais livros do que no passado. Agora o que é preciso é criar-lhes condições para continuarem a ler depois de saírem da escola. E isso também será conseguido num futuro mais ou menos próximo» – garante.

O optimismo de Alice não a impede, contudo, de ter consciência das dificuldades do caminho. A começar pelos escritores e pelos editores. É que, como fez questão de realçar, se os adolescentes, enquanto na escola, ainda vão lendo, e por isso os livros juvenis vão tendo saída, os portugueses adultos quase não lêem, o que torna difícil a vida aos escritores e aos editores que se batem contra um mercado escasso. Ou rasca, se preferirmos...

«Com algum humor, até podemos dizer, sem risco de errar, que em Portugal os escritores e os

editores são uns loucos. Uns e outros juntam-se no negócio de escrever e publicar livros para um país que não lê. Resultado à primeira vista: o seu presente não pode ser muito brilhante... Só as gerações futuras irão dar a volta à situação» – sublinhou.

Por outro lado, editores e escritores nem sempre têm um relacionamento fácil. Ou correcto. Segundo Alice, muitos editores – de resto como muita outra boa gente – parte do princípio que os escritores vivem de outras profissões e portanto podem não lhes pagar. Primeiro satisfazem todas as outras obrigações que a feitura de um livro acarreta – e lá para o fim, se restar algum dinheiro, então pensa-se no autor, que deve escrever para aquecer, que deve dedicar-se à escrita nos tempos livres, como um «hobby» certamente interessante, ganhando a vida como professor, publicitário, bancário, jornalista...

«Felizmente nem todos os editores pensam e agem assim, mas esse é ainda, de certa forma, o pão nosso de cada dia entre nós. E a verdade é que são muito poucos os escritores verdadeiramente profissionais. De qualquer modo, o que eu aconselho vivamente a todos aqueles que escrevem, vivam ou não exclusivamente dessa actividade, é que se inscrevam na Sociedade Portuguesa de Autores e não se preocupem com a cobrança dos seus direitos. A SPA o fará, como acontece comigo – embora eu não tenha qualquer razão de queixa da minha editora, que é a Caminho. Mas se houvesse mais escritores inscritos na SPA, certamente não se ouviria contar tantas “desgraças” como se ouve...»

Passatempo calmo

E por falar em «hobby», ou passatempo: Alice Vieira tem o seu. Apesar de sobrecarregada com tarefas profissionais, arranja tempo para tirar fotografias. Sempre que pode anda de máquina fotográfica em riste e, vejam lá, pela-se por registar em película... paredes, janelas e portas.

«Lisboa tem coisas fabulosas.

As pessoas nem reparam, mas é uma maravilha. Há janelas e portas tão diversas, tão bonitas, tão imaginativas que uma pessoa fica de boca aberta quando as descobre. E então as estruturas das paredes, nomeadamente as antigas, são uma doídice. Fascinam-me. Quando vejo casas a cair – e infelizmente há tantas – vou logo a correr tirar fotos às estruturas das paredes que estão a descoberto. É um espanto» – confessa enquanto sorri.

Claro: Alice, que também dedica parte importante do seu tempo a ler e a conversar com amigos, gostava igualmente de saber tirar fotos a rostos, a caras de pessoas – daquelas com quem se cruza nas ruas e não conhece. Mas para isso precisava de dominar técnicas que não domina, teria que agarrar as oportunidades num ápice, seria obrigada a uma postura que não é a sua. Por isso, porque tem todo o tempo do mundo para o fazer, vai-se entretendo a registar as portas, as janelas e as paredes, que, muito mais calmas, se põem à sua disposição sem pressa. O contraponto perfeito para uma vida profissional sempre a mexer.

O nome dos livros

Como acima se diz, Alice Vieira já vendeu cerca de um milhão de exemplares dos mais de trinta títulos que publicou desde 1979.

À frente de todos, em vendas, está exactamente o seu primeiro livro, «Rosa, minha irmã Rosa», que este ano conheceu a sua 12.^a edição.

De acordo com informações prestadas pela «Caminho», a editora de Alice Vieira, grande parte dos livros desta escritora têm conhecido sucessivas edições. Vejamos alguns exemplos: «Lote 12, 2.^o Frente» – 1.^a ed. 1980, 8.^a edição em 1992; «Chocolate à Chuva», 1.^a ed. 1982, 7.^a edição em 1992; «Este Rei que eu escolhi», 1.^a ed. 1983, 8.^a edição em 1992; «Graças e Desgraças da Corte de El Rei Tadinho», 1.^a ed. 1984, 8.^a ed. em 1991; «Águas de Verão», 1.^a ed. 1985, 4.^a ed. 1992; «Viagem à Roda do Meu Nome», 1.^a ed. 1985, 5.^a ed. 1992; «Paulina

ao Piano», 1.^a ed. 1987, 4.^a ed. 1989; «A Lua não está à venda», 1.^a ed. 1988, 3.^a ed. 1992.

De registar igualmente que Alice Vieira é ainda autora de duas curiosas séries de livros: a primeira, chamada «Contos e Lendas de Macau», foi editada em 1988 pelo Instituto Cultural de Macau e tem seis títulos – «Um estranho barulho de asas», «O que sabem os pássaros», «As mãos de Lang Seng», «Uma voz ao fundo das Águas», «As árvores que ninguém separa» e «O templo da promessa»; a segunda, intitulada «Histórias Tradicionais Portuguesas», é composta por doze obras – «Corre, corre Cabacinha»; «Um Ladrão Debaixo da Cama», «Fita, Pente e Espelho», «A Adivinha do Rei», «Rato do Campo, Rato da Cidade», «Periquito e Periquinha», «Maria das Silvas», «Desanda Cacete», «O Pássaro verde», «As Três Fiandeiras» e «A Bela Moura», «O coelho branquinho e a formiga rabiga».

Em 1993 Alice Vieira publicou um trabalho diferente do que lhe é habitual mas que, ao que afirma, lhe deu «um gozo danado»: trata-se de um álbum sobre Lisboa, com fotografias de António Pedro Ferreira, chamado «Esta Lisboa».

Por fim uma referência às traduções dos seus livros, Alemanha, Espanha, Brasil, Holanda, Checoslováquia e Bulgária – e aos Prémios já obtidos: em 1979, Prémio de Literatura Infantil «Ano Internacional da Criança», com «Rosa, minha irmã Rosa»; 1983, Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura Infantil, com «Este Rei que Eu Escolhi»; «Graças e Desgraças na Corte de El Rei Tadinho», foi adaptado para o teatro e esteve em cartaz durante um ano, com o «TIL-Teatro Infantil de Lisboa»; escreveu ainda para o «Teatro Experimental de Cascais» «Leandro, Rei da Helíria», que teve assinalável êxito.

Neste ano de 1994 Alice Vieira, com o seu livro «Os Olhos de Ana Marta», foi nomeada, juntamente com Júlio Resende e José Colaço Barreiros, para a Lista de Honra de 1994 do IBBY (International Board on Books for Young People).